

**LITERATURA E SOCIEDADE NA SALA DE AULA: A NARRATIVA
MACHADIANA E SUAS INTERPRETAÇÕES**

*LITERATURE AND SOCIETY IN THE CLASSROOM: THE
MACHADIAN NARRATIVE AND ITS INTERPRETATIONS*

Giovanna Dias de SOUZA¹, Mariana dos Santos FONSECA², Thais Natalie LOPES³,
Viviane de Jesus MONTEIRO⁴

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise de duas obras de Machado de Assis: “Pai contra Mãe” e “Bons dias!”. O conto “Pai contra a Mãe” evidenciará a intertextualidade entre o conto e o filme “Quanto vale ou é por quilo?” e sua relação com a BNCC. Estes estudos serão apontados em conformidade com as considerações de Antonio Candido acerca da função humanizadora da Literatura na formação do homem. Pretende-se, portanto, evidenciar a relação entre literatura e sociedade para, a partir disso, propor um plano de aula que propicie a reflexão sobre essa função humanizadora e formadora da Literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, Pai contra mãe, plano de ensino.

ABSTRACT: The present work aims to present an analysis of two works by Machado de Assis: “Pai contra Mãe” and “Bons dias!”. The short story “Pai contra a Mãe” will highlight the intertextuality between the short story and the film “Quanto vale ou é por quilo?” and the BNCC. These studies will be pointed out in accordance with the considerations of Antônio Candido, about the humanizing function of Literature in the formation of man. It is intended, therefore, to highlight the relationship between literature and society and, from that, to propose a lesson plan that promotes reflection on this humanizing and formative function of Literature.

KEYWORDS: Machado de Assis, Pai contra mãe, teaching plan.

¹ Graduanda do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: gd.souza@unesp.br

² Graduanda do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: ms.fonseca@unesp.br

³ Graduanda do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: thais.natalie@unesp.br

⁴ Graduanda do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: viviane.monteiro@unesp.br

1 Introdução

Joaquim Maria Machado de Assis (1839 - 1908) foi um escritor brasileiro responsável por dar início ao realismo literário no país. É considerado por muitos críticos e estudiosos como o maior nome da literatura nacional, além de ser um autor de “temas universais”, explorando, no campo da literatura, questões humanas e filosóficas que estavam à frente de seu tempo, indo além da tendência literária que ele próprio dera início. Publicou importantes obras da literatura e é conhecido por ter publicado romances no formato do folhetim. Ocupou importantes cargos em vida, como co-fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras, cargo ocupado por ele até a morte. Em sua abordagem temática e estilística é possível perceber, como afirma Candido, que Machado “cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa, lembrando ao leitor que atrás dela estava a sua voz convencional” (1968, p. 22)

Antonio Candido, cujos apontamentos serão a base teórica deste artigo, foi um dos maiores intelectuais do Brasil, atuando como sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro na USP (Universidade de São Paulo). O autor promovia diálogos entre a literatura brasileira e a literatura europeia e viveu no período de 1918 a 2017.

De acordo com Antonio Candido, em seu texto “A literatura e a formação do homem” (2002), a literatura tem a capacidade de confirmar a humanidade existente no homem. O autor fala sobre o conceito social de função, em que o estudo da estrutura e da função social da literatura deve existir mutuamente para que se evidencie o papel que a obra literária desempenha na sociedade. Do ponto de vista estrutural, as obras são vistas como referência aos moldes ocultos, analisados de forma metódica, percorrendo os seus elementos de origem que podem indicar a função da obra em um certo momento histórico, o que acentua o caráter histórico da literatura. Para além da visão estrutural, o autor reflete: A literatura tem função de conhecimento do mundo e do ser? Um dos pontos de vista é que ela permite a representação da realidade cognitiva, ou seja, relativa ao processo de percepção, memória e raciocínio, e sugestiva, relativa à realidade do espírito, da sociedade e da natureza. O texto traz o conhecimento

de que, segundo correntes estéticas marxistas, a literatura é uma forma de conhecimento, para além de uma forma de expressão.

Pretende-se, portanto, considerando a profundidade com que Machado constrói os conteúdos de suas histórias, bem como a universalidade de sua obra, confirmar, a partir de uma análise de suas obras, essa possibilidade de representação, questionamento e mudança da realidade.

Este artigo está organizado em seis sessões. Na introdução, contextualizamos sobre os dois autores e a obra que pautam este trabalho: Machado de Assis, Antonio Candido e “A literatura e a formação do homem” e apresentamos o nosso objetivo do trabalho. Na segunda seção, apresentamos o conto “Pai contra mãe” e a problematização da literatura. Na seção seguinte, explicitamos a intertextualidade existente entre o conto apresentado na sessão anterior e o filme “Quanto Vale ou é por quilo?”, dirigido pelo cineasta brasileiro Sérgio Bianchi, e o que nos diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre a literatura. Na quarta seção, relacionamos a crônica Machadiana “Bons dias!” com o dia 19 de maio de 1988, apontando uma análise desta obra. Na penúltima seção, apresentamos um plano de ensino que objetiva trabalhar, no 2º ano do Ensino Médio, uma reflexão sobre sociedade e literatura utilizando o conto “Pai contra Mãe”. Além disso, propomos também neste plano de aula, a reserva de uma aula da semana para assistir ao filme “Quanto vale ou é por quilo” com os alunos e, em seguida, iremos debater sobre as populações marginalizadas por meio do planejamento de perguntas que será exposto. Finalmente, na parte final deste trabalho, destacamos que na articulação estilística e temática que Machado empreende no conto e na crônica analisados, há uma outra ferramenta implícita de controle social, que retoma a função temática de objetificação do homem pelo homem, descrita por Candido em seu ensaio “Vários escritos” (1968), no primeiro capítulo denominado “Esquema de Machado de Assis”. Com isso, concluiremos que a literatura tem a função questionadora e problematizadora daquilo que representa, dando ao leitor a oportunidade de refletir e ampliar sua formação humana.

1 O conto de Machado e a problematização da Literatura

No conto abordado neste trabalho, chamado “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis, existem duas temporalidades distintas apresentadas pelo autor. Em uma delas, o autor assume papel de narrador e fala em um contexto em que a abolição da escravatura aconteceu no Brasil. Na segunda linha temporal, temos as ações em si sendo desenvolvidas, ou seja, é a própria narração que se desenvolve. Dessa forma, esta última linha temporal mostra ao leitor um ponto de vista desenvolvido na primeira linha.

Podemos notar, no decorrer do conto, traços da prática de ironia e da articulação entre o enredo e as reflexões acionadas por ele, traços muito bem planejados, que revelam aquilo que é anormal e absurdo nas relações humanas, e resultam em um estilo cuja leitura, de acordo com Candido, não poderia ser feita “[...] com olhos convencionais, [...] com argúcia acadêmica, mas [sim] com senso do desproporcionado e mesmo o anormal; daquilo que parece raro em nós à luz da psicologia de superfície, e no entanto compõe as camadas profundas de que brota o comportamento de cada um” (CANDIDO, 1968, p. 20). Esses traços usados no conto foram inspiração para o filme brasileiro “Quanto vale ou é por quilo? ”, que abordaremos mais à frente.

O narrador inicia o conto relatando as inúmeras práticas escravocratas cruéis e desumanas que existiram no Brasil durante o período da escravidão:

Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber. Perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. (ASSIS, 2007, p. 1)

Para abordar o tema da escravatura, o narrador utiliza o sarcasmo: “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel” (ASSIS, 2007, p. 1); e, através disso, evidencia uma visão pessimista que, constantemente, mostra ao leitor os verdadeiros horrores da escravidão por meio de como o enredo, e até mesmo os diálogos, são construídos.

Em um dado momento, o narrador muda o tempo verbal para marcar a mudança da linha temporal da narração e do enfoque narrativo:

[...] a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, -- em família, Candinho,-- é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. (ASSIS, 2007, p. 2)

A partir daí, o autor passa a relatar a história de Candinho, um homem que “cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos”. É possível perceber, no decorrer da narrativa, as influências sociais e psíquicas que influenciam o comportamento de Cândido Neves: “Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo”. Com isso, Machado compõe as influências externas, as relações sociais estabelecidas com o sistema escravista e as transformações sociais do Brasil do séc XIX, além de salientar as ambiguidades psíquicas que igualmente influenciam a personagem. Ao se casar com Clara e ao engravidá-la, estando em uma situação quase miserável, Candinho não encontra outra forma de evitar doar a criança recém-nascida a não ser pelo rapto de Arminda, mulher negra escravizada que fugira e que Cândido Neves encontra também grávida. Com muita violência, o homem leva a mulher até o seu senhor, que alega possuí-la como propriedade, como um objeto. No decorrer do conflito, a mulher sofre um aborto durante as agressões e Candinho consegue a recompensa, que garante o sustento de sua família, incluindo a de seu próprio filho. Esta situação em si já possui certa ironia. A vida de uma criança como preço de outra é a moeda de troca de dois sujeitos miseráveis, que estão um contra o outro como circunstância incontornável. Esse momento de tensão é composto pelo autor com a imparcialidade de um espectador distante, cujo estilo faz “sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII) [...]”; estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; [...] sugerir, sob aparência do

contrário, que o ato excepcional é normal e anormal seria o ato corriqueiro.” (CANDIDO, 1968, p. 23).

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona. --Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio. Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus (ASSIS, 2007, p. 9).

Cândido Neves, para se esquivar de sua responsabilidade no aborto de Arminda, afirma: “Nem toda criança vinga”, dito que confirma o aspecto narrativo de Machado mencionado por Candido, “o seu gosto pelas sentenças morais, herdado dos franceses dos séculos clássicos e da leitura da Bíblia” (1968, p. 19), e que dão à ironia um certo desconforto, dada a frieza e o distanciamento moral da personagem perante a situação narrada.

Pode-se afirmar que tanto Arminda quanto Candinho se encontram em uma situação de extrema vulnerabilidade socioeconômica. No entanto, as relações econômicas escravistas estabelecidas no contexto social do conto impedem que o seu raptor, Candinho, se identifique com a personagem escravizada e reflita sobre sua situação. Desse modo, Arminda é duplamente subjugada e desumanizada, pois, além de estar em uma situação de vulnerabilidade extrema, é também tratada por Candinho como propriedade vendável. Essa estrutura da trama e da narrativa é um componente que mostra “[...] a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual” (CANDIDO, 1968, p. 28). Ademais, podemos ver que o próprio enredo, o próprio desenrolar da situação mostram de forma crua como a abolição foi uma reestruturação da elite para atender a uma demanda de transformação econômica externa, que nada tem a ver com a humanização do sujeito escravizado.

O humor ácido e a ironia presentes no conto evidenciam uma perspectiva fatalista da abolição, que sozinha não resolveria os problemas nos quais a sociedade brasileira estava mergulhada. O conto nos narra uma problemática para além das estruturas econômicas, pois se insere na dimensão perceptiva dos sujeitos; a falta de liberdade verdadeira também advém dessa relação desigual estabelecida entre sujeito escravizado (Arminda) e sujeito livre (Candinho). Embora a miséria atinja a ambos, é na percepção deste que aquele é “coisificado” e dado como moeda de troca para garantia do mínimo.

2 Intertextualidade com o filme “Quanto vale ou é por quilo?” e sua relação com a BNCC

“Quanto vale ou é por quilo?” é um filme adaptado do conto de Machado de Assis “Pai contra mãe”. O longa-metragem possui duas histórias que se cruzam e são divididas em cenas. Uma história se passa no século XVII e a outra no período contemporâneo. O filme faz uma analogia com o comércio de escravos e com o uso do marketing pelas ONG 's ou por pessoas “bondosas” que utilizam dessa boa ação para exibir-se como “boa pessoa”. Esses atos de altruísmo, na verdade, exploram a miséria da sociedade na medida em que, após uma doação, uma ajuda ou uma oferta de algo “melhor” para pessoas socialmente vulneráveis, servem apenas para o benefício de um grupo minoritário que visa o lucro. A submissão dos fracos aos fortes ocorre com o trabalho escravo e com a exploração da pobreza da sociedade através das “ajudas que não visam nada em troca” como são oferecidas pelas ONG 's.

O filme faz uma releitura do conto ao trazer a história de personagens com os mesmos nomes e histórias para os tempos modernos do país. A trama da narrativa estabelece um paralelo entre os momentos históricos atuais e os escravistas, divididos em episódios, com histórias intercaladas que se cruzam e por onde a temática da escravidão no Brasil é trabalhada. Através desse cruzamento, é abordada uma exploração para além da escravidão negra que ocorreu no Brasil e que conhecemos, que evidencia que as relações sociais pouco mudaram. Além disso, mostra que o processo de reinserção de pessoas historicamente marginalizadas ao mercado de trabalho por meio da ação

solidária de ONG's e associações está muitas vezes atrelado à manutenção do sistema econômico capitalista, pois essas ações muitas vezes intencionam garantir o lucro indireto de empresas e retroalimentam as relações conflitantes de classes, disfarçando a responsabilidade das elites no processo de empobrecimento da população e disseminando a ideologia liberal de ascensão social mediante o mérito, que nada mais faz além de ocultar o processo histórico de opressão do povo negro.

É possível inferir, a partir da trama construída pelo filme, que a submissão dos fracos aos fortes se estrutura em uma hierarquia de classes historicamente construída, de cujo topo partem as opressões que recaem sobre a base. Essa submissão, por sua vez, é geradora de conflitos, pois há sempre uma tentativa de superação das opressões por parte da classe oprimida. Tanto o filme como as narrativas de Machado abordam isso de forma ácida. Como afirma Candido:

[...] é notória uma conotação mais ampla, que transcende a sátira e vê o homem como um ser devorador em cuja dinâmica a sobrevivência do mais forte é um episódio e um caso particular. Essa devoção geral e surda tende a transformar o homem em instrumento do homem, e sob esse aspecto a obra de Machado se articula, muito mais do que poderia parecer à primeira vista, com os conceitos de alienação e decorrente reificação da personalidade, dominantes no pensamento e na crítica marxista de nossos dias [...] (1968, p. 29)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que regulamenta as aprendizagens mais importantes a serem trabalhadas nas escolas brasileiras e particulares da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, a fim de garantir o direito à aprendizagem a todos os estudantes.

Assim, o objetivo da BNCC é nortear os currículos dos estados e municípios de todo o Brasil, colocando em prática o artigo 9 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Este artigo afirma que a União se incumbirá da elaboração do Plano Nacional de Educação, em conformidade com os chefes de Estados e Municípios. Desta forma, o artigo 9 garante que os estados e os municípios possuam o apoio da União para que haja organização na educação no âmbito nacional.

A BNCC estabelece 10 competências gerais para nortear as áreas de conhecimento e seus componentes curriculares, e o desenvolvimento destas competências é essencial para assegurar os direitos de aprendizagem dos alunos da Educação Básica. Apresentamos as dez competências propostas pela BNCC, dando ênfase à sexta competência apresentada, que mostra a importância do ensino da literatura em sala de aula.

Abaixo estão as dez competências estabelecidas pela BNCC:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas;
- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- *Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da*

cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (2018, p.9)

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular afirma que:

para que a função utilitária da literatura - e da arte em geral - possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor - e, portanto, garantir a formação de um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (2018, p. 138).

Essa formação, por sua vez, pode ser melhor construída ao evidenciar, através do contato com diferentes gêneros, suas relações intertextuais, as possíveis intenções que motivam as adaptações de uma releitura, para mostrar aos alunos a reflexão e a denúncia que o filme e o conto mencionados trazem para o espectador. A releitura empreendida no filme evidencia que as relações

sociais construídas e relatadas nos contos e nas crônicas no Brasil do séc. XIX permanecem articuladas com a própria estrutura social contemporânea.

3 “Bons dias!” – 19 de maio de 1888.

Assim como o conto “Pai contra mãe”, cujo tempo narrado se dá no período anterior à abolição, a crônica que será analisada abaixo, presente na série machadiana “Bons dias!”, parte de um período temporal semelhante até o momento da Lei Áurea.

A série de crônicas foi publicada na Gazeta de Notícias, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1888 e 1889. Em 1850, a Lei Eusébio de Queirós proibiu o tráfico de escravos no Brasil e mais tarde, em 1888, a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, dando fim à escravidão brasileira. A crônica “19 maio de 1888” parte, portanto, desse momento político e, se utilizando da perspectiva parcial de um narrador-personagem, retrata ironicamente as novas relações sociais rearranjadas pela elite, diante do novo sistema econômico, para manter o *status quo*.

Nesta, o narrador-personagem é um senhor de escravos oportunista, que utiliza o cinismo, semelhante a outro personagem de Machado, Brás Cubas, para justificar sua posição econômica e suas intenções.

Eu pertença a uma família de profetas après coup, post facto, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforria-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar. (ASSIS, 1994, p. 6)

O contexto de finalização do regime escravocrata é relatado como algo antecipado pelo senhor de escravos. A “previsão” da abolição é justificada pela primeira oração do narrador: “Eu pertença a uma família de profetas”, como uma forma de trazer cinicamente uma certa aptidão “hereditária” e religiosa para o feito que o narrador contará. Em “[...] alforria-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos [...]” fica evidente que a alforria

se trata de uma questão pragmática. A utilização de elementos religiosos durante sua narrativa é uma das características da ironia machadiana, jogando com uma certa moralidade hipócrita da burguesia brasileira que, se mostrando religiosa, procura disfarçar e esconder crueldades maniqueístas, como a que se destacará no decorrer da análise.

O senhor concede-lhe alforria, no entanto também oferece moradia e salário mínimo, caso Pancrácio aceite continuar com os trabalhos.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico. (ASSIS, 1994, p. 6).

Pancrácio aceita a oferta e, com isso, aceita sem perceber a antiga relação social que estava estabelecida, demonstrada pelos petelecos, pontapé, puxão de orelhas e ofensas. O narrador mostra que Pancrácio aceitou tudo, “aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por não escovar bem as botas; efeitos da liberdade” (Ibid., p. 7). Na perspectiva do senhor de escravos, são agressões justificadas, pois partem de um impulso natural, que não anula o direito civil adquirido pelo ex-escravo. No entanto, a mesma relação entre as personagens se mantém. A atual condição de liberdade, portanto, ao invés de garantir-lhe autonomia e direcioná-lo para a própria emancipação humana e social, tem, ao contrário, um efeito apassivador, fortalecendo os laços de dominação com o seu antigo senhor. É, assim, uma liberdade forjada.

No que diz respeito à carta de alforria, fica claro que não se tratava de um ato humano, e sim um ato do interesse político do narrador-personagem, como é explicitado a seguir.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o

digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do Céu. (ASSIS, 1994, p. 7)

Machado constrói uma ironia com a contraposição entre a alforria concedida a Pancrácio e as reais intenções do narrador-personagem diante do contexto da abolição, que curiosamente não tem receio de mostrá-las e as enaltece como uma elevada estratégia política. Evidencia-se, assim, um modelo falho de abolição da escravatura diante das estruturas que são efetivamente construídas nas novas relações sociais. O autor ainda reafirma essa ironia com o nome do personagem Pancrácio. O termo vem do grego *Pagkrátion*, denominação de uma luta marcial da Grécia que se baseia na desistência de um dos oponentes por causa do cansaço. Comparativamente ao termo, é possível dizer que a elite oligárquica venceu seus oponentes (escravos alforriados) pelo cansaço (Pancrácio), numa reestruturação social para tornar-se elite política. Desta forma, no sistema de escravidão brasileira, a abolição da escravatura era a melhor saída para que a oligarquia brasileira tivesse a imagem de benfeitora, pois representaria uma reafirmação do que os senhores “já faziam” antes da abolição legal. Como o narrador afirma em: “os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela” (ASSIS, 1994, p. 7). A alforria e por fim, a abolição, é vista como uma possibilidade de ganhar prestígio e moral perante seus futuros eleitores.

A crônica relata a difícil transição da escravidão para o trabalho assalariado por parte do ex-escravo. Machado de Assis, ao escrevê-la, destacou a decadência do sistema de libertação da escravatura no Brasil, mostrando que a liberdade dos escravos tinha uma relação com a defesa da propriedade privada, diante dos acontecimentos da abolição. Desta forma, essa obra, assim como “Pai contra mãe”, pode ser trabalhada em sala de aula com o mesmo intuito abordado anteriormente. Essa finalidade de trabalho e prática de ensino é dada pela proposta de analisar a crônica da série machadiana “Bons dias!”, de acordo com as considerações de Antonio Candido, com o intuito de demonstrar a função humanizadora da Literatura.

Além disso, este trabalho em sala de aula pode ser realizado estimulando os aprendizes a relacionar as estruturas sociais brasileiras atuais e passadas, o

conto e a crônica e, assim, fazer presente a relação com o cotidiano dos alunos e a sociedade em que estão atualmente inseridos.

4 Plano de ensino

Este plano de ensino tem como público-alvo o 2º ano do Ensino Médio.

Objetivos:

Proporcionar reflexão sobre a relação entre a sociedade e a literatura, bem como a capacidade problematizadora e transformadora desta; proporcionar momentos de leitura e interpretação de gêneros narrativos e suas características específicas; dar espaço para que os educandos formulem comentários, opiniões e hipóteses de leitura coletivamente.

Metodologia:

Este plano de aula se enquadra numa proposta de ensino a partir de um estudo bibliográfico comparativo do conto de Machado de Assis “Pai contra mãe” com o filme “Quanto vale ou é por quilo?”, no qual foram utilizados estudos críticos e reflexivos do pesquisador Antonio Candido, cujos ensaios são “A Literatura e a formação do homem” e “Esquema de Machado de Assis”.

Desenvolvimento do plano de aula:

A aula poderá começar com a pergunta “Qual a importância da literatura?” escrita na lousa, para chamar atenção dos educandos ao tema e o professor pode pedir que eles deem sugestões, que podem ser escritas na lousa, para que todos vejam e discutam as respostas levantadas. A partir disso, o professor poderá contextualizar os alunos sobre quem foi Machado de Assis e qual é a sua importância para a literatura brasileira, apresentando obras que eles possam conhecer para gerar semelhança e familiaridade.

Em seguida, o professor poderá ler o conto “Pai contra Mãe” em aula, em voz alta para os alunos, e perguntar a eles o que acharam, se conseguem fazer paralelo com algo ou dar exemplo de situações atuais ou pedir que realizem a leitura antes da aula. Depois, poderá levantar uma reflexão sobre as opressões

sociais, através de exemplos de relações sociais injustas ou situações opressivas que os educandos já tenham vivenciado e observado no dia a dia e estabelecer uma relação com a sociedade escravista do séc XIX observada no conto.

Posteriormente, o professor poderá discutir a forma como Machado escreve, atentando para as características do narrador discutidas ao longo do artigo. Além disso, poderá explicar, a partir de uma aula expositiva e teórica, as características da tendência literária do Realismo.

Por fim, poderá reservar uma aula da semana para assistir ao filme “Quanto vale ou é por quilo?” em sala de aula, com os alunos. Após a exibição do filme, organizar a sala em grupos para que respondam às seguintes perguntas:

- Que tipo de sociedade é abordada no conto? E no filme?
- Quais as personagens envolvidas na narração?
- É possível perceber que há dois tempos históricos diferentes no filme? Quais?
- Podemos perceber a presença de duas linhas temporais na narrativa do conto e do filme. A partir de qual momento você consegue distingui-las?
- Quais relações são relatadas pelo narrador e como elas são descritas?
- Qual o momento de maior conflito narrado no conto?
- Podemos dizer que há alguma forma de opressão entre os personagens? Entre quais?
- Como a questão dos marginalizados se dá na atual sociedade?
- A atual sociedade possui herança da antiga sociedade escravista?
- Quais os problemas que herdamos a partir da nossa história?
- O que você acha de como Machado abordou todas estas questões?
- Perguntas relacionadas à compreensão dos alunos em relação ao texto:
- Quais foram suas dificuldades ao ler o texto?
- Teve dificuldade com a linguagem usada? Compreensão?
- Alguma outra dificuldade?
- Ficou com alguma dúvida?

Logo após, poderá pedir que os alunos discutam entre o grupo e anotem suas respostas. Após a finalização da atividade, solicitar que compartilhem suas respostas entre todos para discussão. Se restarem dificuldades ou dúvidas,

aclará-las em momento oportuno da aula. Ao cabo da roda, pedir que entreguem suas respostas anotadas.

Considerações finais

Ao considerar a articulação estilística e temática que Machado empreende no conto e crônica analisados, com sua linguagem ironicamente polida e aparentemente neutra, a divisão temporal com que o conto se estrutura (no primeiro momento, descrevendo as ferramentas de tortura e controle da escravidão, com suas justificativas irônicas; e no segundo momento, narrando a história de Candinho), podemos inferir que há uma outra ferramenta implícita de controle social, que retoma a função temática da objetificação do homem pelo homem descrita por Candido. A própria desigualdade social e a fatalidade dos conflitos de classe que resultam dela e fazem os indivíduos agirem sobre si mesmos, fatalmente subjugando-se um ao outro e se desumanizando. Essa temática é abordada universalmente por Machado, e é descrita pelo personagem Joaquim Borba dos Santos, o filósofo enlouquecido em “Brás Cubas” e “Quincas Borba”, como o Humanitismo, “sátira do Positivismo e, em geral, do Naturalismo filosófico do século XIX, principalmente sob o aspecto da teoria darwiniana da luta pela vida com sobrevivência do mais apto” (CANDIDO, 1968, p. 28).

Assim, a representação da sociedade normalizada pelo anormal, que inverte as relações éticas para pô-las em questão, traz ao leitor essa possibilidade de a Literatura ser mais que uma simples *mimesis* da realidade. Dá a ela essa função questionadora e problematizadora daquilo que representa, dando ao leitor a oportunidade de refletir e ampliar sua formação humana, ao perceber que valores morais e éticos se articulam na “ficção” e no real. Essa visão autêntica, humana e não alienadora trata do homem de outra forma, ou seja, o representa de forma humanizada ou desumanizada por meio da linguagem. Portanto, a literatura como ferramenta humanista pode recuperar, por exemplo, o homem que é sempre posto à margem da sociedade na realidade vivida e nas obras, uma vez que a temática decide escolher e tratar como tema literário este

homem, que pode ser o negro, ex-escravo, o homem rústico, etc, que era marginalizado pela sociedade e pela literatura.

Se considerarmos a escola e a educação institucional como ferramentas mediadoras das transformações sociais, é preciso garantir aos alunos o contato com essa função transformadora da literatura. Assim, é através deste contato e da articulação com diversos gêneros textuais que se relacionem intertextualmente que é possível implicar nos alunos os diversos sentidos e funções do texto literário, ampliando sua formação.

Como citar este artigo?

SOUZA, Giovanna Dias de; FONSECA, Mariana dos Santos; LOPES, Thais Natalie; MONTEIRO, Viviane de Jesus. Literatura e sociedade na sala de aula: a narrativa machadiana e suas interpretações. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 229-246, 2022.

Referências

ASSIS, Machado de. *50 contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Vol. III, 1994.

ASSIS, Machado de. *Bons dias*. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 1988.

CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. Remate de Males, Campinas, SP, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 30 set. 2022.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. In: _____. Textos de intervenção. Rio de Janeiro: Duas Cidades – Editora 34, 2002. p. 77-92.

CANDIDO, Antonio. *Esquema de Machado de Assis*. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1968. p. 15-32.

CARVALHO, Eliana Pereira de. *Machado de Assis e os ares de Bons Dias no embate de Pai Contra Mãe*. Revista de Letras Norte@mentos. Mato Grosso, 2017.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1986.

LITERATURA E SOCIEDADE NA SALA DE AULA: A NARRATIVA MACHADIANA E SUAS INTERPRETAÇÕES

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.